



Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário

2 de Dezembro de 1989

Ano XLVI — N.º 1193 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Americo

PATRIMÓNIO DOS POBRES

As comunidades paroquiais têm uma palavra a dizer...

O desejo de ter casa para viver é o sonho de muitas famílias. Os Pobres vêem-se verdadeiramente aflitos. Se não há quem lhes dê a mão, passam anos vertendo lágrimas sem fim. Neste campo, as comunidades paroquiais têm uma palavra a dizer — que pode mostrar a força da sua fé. Que vale a fé sem obras? Que tipo de obras para que todos possam ver que a Igreja é uma família? É uma pergunta a pedir uma resposta que não é necessariamente igual nem exclusiva para todas as circunstâncias e lugares. Não restam dúvidas, porém, de que a Igreja é julgada e vista pelo que faz no meio dos Pobres.

Uma das facetas mais belas do movimento do Património dos Pobres é a sua ligação às comunidades paroquiais ou outros grupos empenhados na ajuda à auto-construção de moradias para famílias que, por si sós, não eram capazes. Vemos, neste trabalho, a Igreja como comunidade viva de Fé e Amor. Deste modo, vai semeando esperança onde os braços pendem para baixo e o cora-

ção está triste e desanimado. O movimento do Património dos Pobres, por onde passa, deixa um sopro de vida. Abençoada passagem!

No Marão

Desta vez, deixámos as redondezas da nossa Casa e subimos até às faldas da serra do Marão. De lá, veio o apelo aflito porque se tratava de um caso urgente, dentre muitos outros. É uma comunidade pobre. Poderá parecer que pedir a pobres não tem grande jeito. No entanto, é o que dá mais frutos.

Os interessados não são capazes de construir. São pobres e mais que pobres. Vivem na miséria: numa casa que era, dantes, palheiro. Fizeram-lhes, ao lado, uma cozinha. E lá estão todos num compartimento só: pais e 7 ou 8 filhos. A mais velha tem 15 anos e é deficiente também. Mais alguns o são. A mais nova tem 5 meses.

Há muito que se procurava solucionar o problema da habitação. Mas houve grande dificuldade em arranjar sítio: porque, onde era possível, os vizinhos não



As Casas do Gaiato — Obra de formação integrada — dão aos Rapazes, que foram Lixo das ruas, a oportunidade e o sabor de comerem o pão com o suor do rosto. «Fazer de cada Rapaz um Homem!»

os queriam. Agora, conseguiu-se. E está-se a fazer a casa; sem ser grande, vai ter três quartos, uma sala e uma cozinha.

São cristãos que estão metidos nestes trabalhos. Em breve, já deve ser «carregada» a placa. O dinheiro não há-de faltar para a despesa toda: já havia algum para esse fim; a Paróquia ajuda; o povo ajudará; outras instituições também. Migalhas que chegam serão pão...

Dar as mãos...

Não fossem os Pobres, onde este movimento revolucionário que transforma uma comunidade? Dar as mãos é um gesto cristão. Falar menos e mais e mais gestos, é caminho seguro de mudança

para a frente, neste domínio da habitação, também.

Vou compreendendo a alegria, o entusiasmo, o compromisso daqueles que, um dia, descobriram o caminho dos Pobres. Não querem outro. Vou mergulhando num oceano de anuor que os deixa cada vez mais insatisfeitos e querem ir sempre mais longe... até queimarem as suas vidas com o

gozo de ver os outros felizes.

Trata-se duma tarefa exigente e de muita paciência. Neste caso concreto, a obra não terminá com a casa acabada e a família instalada. Entrei nas divisões já ocupadas. Não era o palheiro onde antes vivia. Mas a desordem, a sujidade, era a mesma, por

Cont. na página 3

Aqui, Lisboa!

Sociedade doente

«As orgias desmoralizam; são fontes de revolta e fazem revoltados.» (Pai Américo)

O GAIATO é, por vezes, incómodo. Foi sempre assim desde o seu primeiro número. Pai Américo chamou-lhe «revolucionário pacífico». Muito do que aqui se escreve, aliás sem pretensões nem dogmatismos, perturba os instalados, sejam cristãos ou não. As denúncias das injustiças perturbam alguns e obrigam outros a interrogar-se, quando não a uma conversão interior, como se infere da inúmera correspondência chegada às nossas mãos.

Diz-nos a História que os grandes Impérios sosobraram sempre que os valores éticos foram desprezados. As bacanais ou orgias dos considerados grandes trouxeram a queda das estruturas então vigentes. Como sempre, a falta de exemplaridade dos possidentes do mundo leva à imitação das classes menos favorecidas, com as consequências nefastas que todos conhecemos.

O proliferar de boîtes, de discotecas, de salas de batota e de clubes nocturnos; as festas espampanantes, onde se gastam perdulariamente milhares de contos; um certo tipo de comunicação social, sem escrúpulos de

Continua na página 3

SETÚBAL

Adquirir, hoje, uma casa é mais difícil para um operário médio desprovido de bens paternos, do que foi dobrar o Cabo das Tormentas.

Um dos meus, que ainda não casou, mas já vive fora de portas, veio-me, há dias, com a novidade: — *Comprei uma casinha. É um andar de três assoalhadas, em segunda mão.*

Heroísmo...

Desfruto, normalmente, muitas alegrias, mas exulto quando um rapaz me brinda com uma notícia destas!... Rejubilho, sim, pelo heroísmo contido em tal aventura. Quantos sacrifícios, quanta renúncia implica, a uma pessoa que vive à sua custa, ganha menos de cinquenta contos mensais e economiza, pensando na sua casa e na sua família, amanhã?!... Quanta grandeza!...

— Quanto custou? — Dei comigo repentinamente a perguntar.

— *Cinco mil e tal contos. Vamos pintá-la e pô-la a nosso gosto.*

Trazia consigo a namorada e, apresentando-a, falou-me, também, do baixo ordenado dela e da situação periclitante da empresa onde a mesma trabalha, contratada a prazo.

Sem casa não há família

A casa é um pilar fundamental para a construção da família. Sem casa, nada. Não há família. Pode haver arremedos. Não famílias.

Continua na página 4

PELAS CASAS DO GAIATO

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Há lágrimas que nos lavam mais que ao próprio.

Como o ruído doce da chuva que faz sonhar em tantas coisas idas e tristes; como a terra que se embebe e incha para, depois de cheia, a torrente jorrar até polir as pedras: arar, pôr raízes à mostra, arrastar no aluvião impurezas que os dias foram juntando...

Como a terra, embebemo-nos dessas lágrimas; e essas lágrimas, como chuva, passam por nós em torrente impetuosa até nos polir e deixar aqueles que na verdade somos Homens! Homens que sabem ser grandes quando se lançam no fazer vigoroso de um gesto pelos Outros (porque temos responsabilidades nas suas dores e na criação das figuras da desgraça).

A memória é breve; e nós esquecemo-nos e os dias vão juntando em nós impurezas que cobrem a nossa verdade.

Este é um espaço onde, normalmente, dizemos das lágrimas, dessas que vemos no rosto das pessoas a quem procuramos servir, ajudando de alguma forma. Mas, às vezes, elas têm vergonha de chorar (não fôssemos nós todos iguais...) e não têm mais como o fazer. Estão secas. E nós não vemos as lágrimas que lhes lavram o rosto e nos limpam a nós: ficamos sujos e esquecemo-nos de que, mesmo sem as vermos, elas continuam a lavar, mas por dentro.

Este espaço, hoje, é particularmente dedicado a quem se sente incomodado com aquelas lágrimas. É uma confissão, um obrigado e um pedido.

A lembrar e a purificar-nos, as vossas cartas, o vosso estímulo, as vossas ofertas. Elas responsabilizam-nos e despertam em nós a gratidão de, por vossos gestos, descobrirmos sorrisos e momentos felizes nas pessoas das lágrimas (podiam ser mais, há mais...).

O nosso pedido é mais que isso, é um acto de fé: acreditamos na aceitação desta partilha, acreditamos no vosso sentir como nós, acreditamos na Força do Natal que se aproxima.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Talvez só a idade dê a justa medida das coisas. Oitenta anos, a letra denuncia-lhe a idade e pede desculpa por isso. (...) «Para tapar um buracozinho»

Livros de PAI AMÉRICO

Pão dos Pobres (4 volumes; o 2.º, esgotado); Obra da Rua; Isto é a Casa do Gaiato (2 volumes); Barredo; Ovo de Colombo; Viagens; Doutrina (3 volumes); Cantinho dos Rapazes; Notas da Quinzena; De como eu fui...; Correspondência dos Leitores.

DOUTROS AUTORES: Subsídios para o Estudo do Pensamento Pedagógico do Padre Américo, Dr. João Evangelista Loureiro; Calvário, Padre Baptista (esgotado); A Porta Aberta, Pedagogia do Padre Américo — Métodos e Vida, Dr.ª Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte; O Lodo e as Estrelas, Padre Telmo Ferraz.

— envia um cheque de 5.000\$00. Sentimo-nos crianças!

Uma assinante: 1.500\$00 «para ajuda dos nossos Pobres». O Pai Américo teria gostado muito de ler este «nossos».

Ainda escondidos no anonimato: uma oferta, em cheque, de 20.000\$00, mais uma de 1.000\$00 e outra de 3.000\$00.

Em nome dos nossos Pobres, e em nosso nome, pela possibilidade que nos dão de com eles aprendermos a Vida, muito obrigado.

Pereira

SETÚBAL

CASAMENTO — Mais uma vez houve festa em nossa Casa: O Paulo Alexandre (Lemitos) e a Eugénia Maria deram o laço matrimonial.

O Paulo estava em nossa Casa há vinte anos. Natural de Palmela, e filho de gente pobre, veio com seis anos e aqui se fez um homem. Não lhe faltou nada: Aprendeu de tudo, desde varredor de ruas a chefe. Hoje, é fotocompositor e trabalha na nossa tipografia.

Da Eugénia, pouco conhecemos. Também natural da terra natal do Paulo, pessoa simples e honesta e muito simpática. O acontecimento ocorreu no sábado (14/10).

Ao meio-dia, presidiram à celebração os nossos Padres Acílio e Cristóvão com toda a Comunidade.

Mais um desejo realizado. Era assim que Pai Américo desejava: Cada rapaz se formasse homem na Casa do Gaiato. Esperemos que o povo Amigo de Palmela tome bem conta do Paulo e da Eugénia.

CURSO — Nos dias 22, 23 e 24 de Setembro, realizou-se, no Lar de Férias, um curso de Psicologia e trabalho, para todos os rapazes das oficinas e mestres, ministrado pelo sr. Crito Martins. Todos os Rapazes tiveram aproveitamento.

DESPORTO — Está a 90%. Falta acertar uns pormenores, mas não nos impede de obter vitórias. O quadro é o seguinte: F. Sénior — G. D. R. O GAIATO 3 — C. M. Lagos 3; G. D. R. O GAIATO 2 — B. S. S. 1; G. D. R. O GAIATO 5 — Eq. do Xavier 2.

Reservas: G. D. R. O GAIATO 12 — Centro Jovem Tabor 1. Juvenis: G. D. R. O GAIATO 2 — G. D. os Amarelos 0.

Martinho

Conferência de Paço de Sousa

• Há carências que nem sempre entram pelos olhos, pois a vida, hoje, é muito desfasada... por motivos que não vale a pena referir.

Os dados chegaram, até nós, por alguns mass media: Seis a dez milhões de europeus vivem miseravelmente — em estado de grande pobreza. Não têm alojamento condigno, recursos suficientes, nem beneficiam de significativa protecção sanitária e social. O mais inquietante, porém, é o facto do número de Pobres crescer mais de 15% entre 1970 e 1985.

Representantes de forças sócio-económicas da Europa dos Doze, reunidos no Comité Económico e Social Europeu, ao adoptarem por iniciativa própria um texto sobre esta questão, sublinharam a gravidade do problema e reclamam «medidas fortes» por parte das instâncias da CEE e dos Estados membros.

Numa reunião em Bruxelas, no mês de Junho, a Associação ATD Quarto Mundo pôs a questão quase nos mesmos

termos. Mais: O Comité Económico e Social clama, também, por um rendimento mínimo e medidas de informação e de educação.

Sinal ou alerta contra a miséria! As filosofias desenvolvimentistas não podem — como é óbvio — marginalizar o Homem no seu todo...

PARTILHA — Dez contos, de Alda, «com destino à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, para serem aplicados num caso grave, pois necessitados são todos eles». O nosso amigo Manuel de Braga aí está, em defesa das viúvas: 4.000\$00. «É bem verdade o que, hoje, disse um sacerdote na homilia: — Quando Jesus Cristo entra pela nossa porta, abre-se outra...» Mais um remanescente do assinante 25881 e uma carta cheinha de Vida!

Vale de correio, de Queluz, para um caso referido nesta coluna — que ajudou a solucionar — acentuando: «Quando se referirem a esta partilha não mencionem o meu nome». Esta é uma procissão de Anónimos(as)!

Outro vale de correio — habitual — da assinante 27063 — «para um dos mais necessitados». Cumprimos!

Da Rua Martins Vidal, «oferta para uma viúva (5.000\$00), em sufrágio da alma de meu marido». Ele rejubilou por esta oração! Assim como outra «viúva de Castelo Branco», que enviou mais um vale de correio, também «em sufrágio da alma de meu marido» para ser aplicado «onde for mais necessário».

Assinante 42282 com um óbulo e pedindo o «mais completo anonimato». Três contos, do assinante 23618, «para serem aplicados na forma do costume». Cumprimos! O mesmo, do assinante 32763 que afirma: «Aplicuem a importância em medicamentos para os Pobres que necessitem deles e não tenham dinheiro para os comprar. Uma carência muito importante...! Não é preciso agradecer. Basta uma simples referência n' O GAIATO». Aqui está.

Cortegaça: «De Arlindo, através de pessoa amiga: 5.000\$00». A «Avó de Sintra», com muita perseverança: «Pensava juntar, aqui, um pouco mais (vão cinco contos) para a 'Família do costume' poder ter um santo Natal... Se receber o aumento em Novembro — podem contar com ele, logo que chegue às minhas mãos».

Carvalhosas (Coimbra): «Fui, hoje, receber a minha pequena reforma de operário gráfico e junto um cheque de dois mil escudos para ajudar os Pobres, também filhos de Deus, mas com mais dificuldades do que eu». Do assinante 25199.

De Santa Cruz do Douro, a mensalidade habitual. Assim como «uma assinante de Paço de Arcos» — tão certinha como o ponteiro dum relógio suço!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

TOJAL

ANIMAIS — Já nasceu a bezerra. Diamantino e Ludgero baptizaram-na logo!

PORCOS — Temos mais porcas cheias. Aquelas que tiveram leitões foram separadas. O «Urubu», que trata delas, não sossega! «São para os tratar com muito carinho» — diz ele...

FUTEBOL — Realizámos alguns jogos. Vencemos o «Botica» por 6-4 e, no Dia-de-Todos-os-Santos, empatámos com os rapazes do Tojal por 1-1.

Estamos à espera que o campo fique pronto para disputarmos mais jogos — sem prejudicar os estudos. Este ano tem que ser a sério!

UM PEDIDO — Pedimos, aos leitores que já jogaram à bola e tenham lavas de guarda-redes no-las possam oferecer, se fazem favor. Agradecemos. Agora, temos cá muitos guarda-redes!

MATERIAL ESCOLAR — Se os filhos de alguns leitores já deixaram de estudar e tenham X-Actos e não os utilizem, agradeçamos que no-los ofereçam. Obrigado.

FRUTA — Começaram a ganhar cor e sabor... Sabem o que é? As nossas laranjas! Parece que, este ano, vamos ter outra boa colheita! Graças a Deus.

AZEITONA — Começámos a apanhá-la. Parece haver mais do que o ano passado! Mais graças a Deus.

Luís Miguel Fontes

MIRANDA DO CORVO

AZEITONA — Continuamos a apanhar da azeitona, do chão. O Tonito já levou uma tractorada ao lagar. Deu 172 litros de azeite. Fazemos votos que todas as pessoas tenham muita azeitona durante todo o ano.

LAVANDARIA — O nosso Padre Horácio e o nosso Padre Telmo compraram uma máquina de lavar roupa. A senhora Encarnação, uma das senhoras que nos lava a roupa, ficou contente porque já andava muito atarefada e, agora, são muitas peças de vestuário, pois tínhamos a outra máquina avariada.

AGRICULTURA — A erva lameira foi semeada, há um tempo atrás; agora, está crescida e, com a ajuda dos temporais que tem havido, maior está. É o alimento das vacas, durante parte do ano.

OBRAS — O sr. João e o Rui pintaram a nossa sala-de-jantar. Rasparam o tecto de madeira para colocar o verniz; e também caiaram as paredes de verde claro. O refeitório tem um aspecto mais vibrante. Está bonito!

Os pedreiros continuam a erguer o muro. Andam contentes com o serviço, mas desanimados porque o tempo não os deixa trabalhar. A terra, enlameada, cai aos poucos! Esperamos que o tempo melhore para trabalharem à vontade.

DIA DE S. MARTINHO — Um dia de muito trabalho para todos, na apanha da azeitona, no campo de futebol. Conforme recolhíamos o fruto, os ramos com mais produção, que estavam vergados, foram

CENTRO

«BODAS DE OURO» — Quando este O GAIATO chegar às mãos, querido associado e condiscípulo, terá já recebido a nossa primeira circular, acompanhada dum pequeno inquérito a que alguns prontamente responderam, prova de que a nossa Associação lhes é muito querida e de que estão empenhados em fazê-la crescer e avançar.

A anterior Direcção bem se esforçou por isso — e também é nessa linha que pretendemos continuar. Estamos dispostos a não menosprezar o trabalho e esforço da Direcção que nos antecedeu. O nosso grande objectivo é, pois, dar continuidade a quanto já foi feito, dentro do espírito de Pai Américo, e visando sempre os objectivos que nortearam a criação da nossa Associação.

Vêm aí as «Bodas de Ouro» desta Casa-Mãe e da Obra da Rua. Um grande dia de Festa, que será tanto maior, quanto maior for a presença de quantos por aqui têm passado. Será um grande sinal da vitalidade dum Obra viva que, como o grão de mostarda do Evangelho, nasceu pequenina. É o próprio Pai Américo que o descreve:

«O número de garotos sobe. Principiámos com três deles, em Janeiro

cortados. Retalhámos a azeitona para curtir. Destina-se às refeições.

No fim disso tudo houve um magusto. Provámos o vinho novo, muito bom, e comemos castanhas assadas. Acabámos o dia em festa!

Serafim e Ângelo

PAÇO DE SOUSA

FUTEBOL — No dia 12 de Novembro realizámos mais um desafio de futebol que deixou a nossa equipa muito surpreendida. Na primeira parte houve muito jogo para qualquer dos grupos. Com efeito, a 10 minutos do intervalo, os visitantes marcaram um golo. Tudo seria possível!

No regresso das cabines o nosso grupo trazia outras técnicas de jogo, o que levou ao empate nos primeiros quinze minutos.

Feliz com o empate, a nossa equipa baixou, o que a levou a sofrer mais três golos.

Temos falta de esféricos e de equipamentos. Para quem deseja presentear-nos, aqui ficam os nossos agradecimentos.

OBRAS — A transformação do edifício da velha tipografia continua com muito êxito. E tudo leva a crer que já sirva para as aulas, no segundo período.

ENCONTROS — Onze jovens foram fazer um encontro ao Oásis, em Ermesinde. Vieram contentes. Esperamos que tenham aproveitado o mais possível para darem testemunho de que são, realmente, um grupo de boas qualidades.

VACARIA — Mais uma vitela! Nasceu com alguma dificuldade. Tivemos que chamar um veterinário para operar a mãe...

NOVOS ASSINANTES — Mais uma campanha de assinaturas em S. Félix da Marinha! Queremos que o famoso O GAIATO vá ter às mãos das pessoas que o leiam. Esse é que é, realmente, o verdadeiro preço.

«BATATINHAS» — Esta é a estação do ano que dá mais trabalho aos «Batatinhas». São as folhas e os galhos que o vento deita para o chão. Eles mantêm a nossa Aldeia sempre limpa. A brincar, a brincar dão um grande exemplo!

«Andorinha»

ASSOCIAÇÕES dos Antigos Gaiatos

CENTRO

de 1940 e, no fim daquele mesmo ano, estávamos na casa das dezenas. Já não é um doentinho, o catraio que chega; é, antes, um doente da alma que se cura com trabalho e pão.»

«...Durante os quatro anos de existência que a Casa tem, só quatro nos fugiram; e quantas dezenas deles se não prenderam voluntariamente à Obra!»

«O nosso cárcere é às avessas dos mais; não os prendemos; são eles que se prendem.»

Passado meio século, são muitas as centenas dos que aqui se trataram com «trabalho e pão»!

Em muitas outras ocasiões, Pai Américo escreveu páginas sublimes, de maravilhosa pedagogia; como esta, dirigida aos Rapazes de boa vontade, de quem é a Obra da Rua: «Obra deles, para eles, por eles. É muito importante esta divisa». Não é um rótulo. Não é um nome. É uma ideia-força, uma ideia-vida que sangra e de que nasceu outra realidade — a Associação dos Antigos Gaiatos, a propósito da qual têm inteiro cabimento as palavras que Pai Américo nos dirige ainda: «Prolongai em vós



PATRIMÔNIO DOS POBRES

Cont. da página 1

certo. Há um trabalho a fazer, muito importante: acompanhar aquela família para a ensinar a viver, agora, na sua casa. Doutrou modo, o palheiro vai mudar e ficar dentro daquela moradia. Assim, o trabalho vai até ao fim. A Caridade é paciente! Há que mobilizar os cristãos das comunidades para que formem um grupo dedicado a este serviço que, pela sua natureza, faz parte do ser cristão.

Um caso

Ao Pastor que com tanta devoção se entregou a esta tarefa, não faltam as forças para continuar, até que todas as famílias da comunidade vivam felizes no seu lar. Só assim ele poderá viver tranquilo no seu! E esta linguagem não será para todos nós?

Nessa tarde já não tive tempo de subir por outra encosta. Fi-lo, no dia seguinte. Vi com os meus olhos e pisei o chão com os meus pés. O resto, o melhor, o mais rico, fica guardado no meu coração. Só te quero dizer que, entre os vários casos, está este: É casado; tem 42 anos e a esposa tem 40. Ele é trabalhador num armazém, como motorista-ajudante e auferiu um ordenado de 45 contos. O casal tem cinco filhos ao seu encargo, com idades compreendidas entre os 18 e os 10 anos. O mais velho já ganha algum, aos dias, podendo dizer-se que o pai é o único sustento desta família numerosa. O casal dorme em casa da filha casada. Dois filhos dormem em casa da tia, partilhando o quarto com dois primos e três filhas dormem também em casa da mesma tia.

A casa onde viviam anteriormente estava em ruínas; tiveram que a deitar abaixo. Estão, agora, a construir um rés-do-chão que está pronto a receber a placa. Não têm possibilidades de andar com

a obra para a frente, sozinhos. É o momento de dar a mão. A placa já lá está no lugar. Em breve, a família vai poder viver reunida, nas quatro divisões a fazer. A seu tempo, mas andando sempre muito devagar, porque a família é muito numerosa e o ordenado muito pequeno, esperam fazer o primeiro andar.

Responder com decisão

A esta situação de miséria habitacional há que responder com decisão, sem demora, estimulando o capital humano escondido na heróica destes pais. Que valem muitas

das nossas aflições em comparação com as destas famílias?

Devagar, sim, não vá acontecer que se roube o sabor mais delicioso da construção da casa com o sacrifício e o suor do rosto daquela família e da comunidade. Mas, andar... ajudar a crescer.

Estas alegrias que não têm iguais são o preço, para não dizer o prémio de quem tem a coragem de deixar tudo o que não interessa, em troca do único necessário: o Reino de Deus que passa sempre, sempre, por cada ser humano que necessita de ser amado — o mais Pobre.

Padre Manuel António

REFLECTINDO

É bom sonhar

★ Em 1970, em Angola, um amigo insistiu comigo para fazerem um pedidório a favor da nossa Casa, no Cafunfo — zona dos diamantes. Fomos. Como não havia hotéis, dirigimo-nos à Administração do Concelho e falámos com o Administrador, por sinal, africano.

Recordo a sua fisionomia calma e bondosa; e a maneira simpática como nos recebeu.

— Ficam em minha casa, só que terão que dar uma ajuda pois minha mulher teve ontem um bebé.

— Que sim, não havia problemas — respondemos.

À noite, fomos. Entrámos. Com alegria e emoção recordo o quadro: A esposa, também africana, sentada num sofá; ao peito, o recém-nascido; nos joelhos, outro menino de ano e meio; de pé, e agarradinha às saias, uma

menina de três anos. Ao todo, 11 filhos, tendo o mais velho 18 anos.

Sentámo-nos. Ela já nos tinha preparado os quartos!

Olhei-a com admiração. Tão serena e feliz, atendendo a todos — com tanto carinho, como se cada um fosse o único!

Não esquecerei, jamais, este contacto palpante com a vida. Vida plena!

Ver nascer e ver morrer com a serenidade das montanhas!

Na nossa sociedade, não... Já não assistimos ao nascimento dos nossos. Sempre na maternidade... Quase nem a mãe vê; e até a série pode trocar o filho.

Também, não à morte... Sempre no — ou a caminho dum hospital qualquer.

★ Todos os dias — simpósios, seminários e reuniões a alto-nível:

Pela vida dos Homens;

Pela vida dos animais;

Pela vida das plantas;

Pela vida — nos rios e no mar!

Flagrante contradição!: Aqueles mesmos que se sentaram em tais cadeiras, proclamaram e proclamam a lei do aborto, a morte dos animais — na terra e no mar — e a destruição das florestas.

Indiferentes e apáticos, manequins automáticos que se agitam e falam — movidos, somente, pelo botão económico.

★ A luz do Evangelho nas fontes da Vida!

A mesma luz no coração dos Homens!

Então, sim, renascerão — como Fénix — nas lamas das lagunas as andorinhas e as cegonhas, envenenadas, depois da travessia do Mediterrâneo, nas lagoas de Cádiz pelos produtos-tóxicos duma fábrica.

Elas virão, de novo, aos beirais das nossas casas e aos campanários das igrejas!

Homens e animais viverão em paz nas nossas florestas — pulmões da vida.

Ouviremos, de novo (e com alegria), os primeiros vagidos dos nossos bebés.

Seremos nós, solícitos e cheios de ternura, a fechar os olhos dos nossos entes queridos.

Devo estar sonhando... É bom sonhar!

Vinde, de novo, Senhor!

Rasgai as núvens de concepção materialista que se aninharam nesta Europa. Elas fecharam e endureceram os nossos corações.

Padre Telmo

TRIBUNA de Coimbra

Destruição de barreiras

☆ Nestes últimos dias temos acompanhado o noticiário da televisão e da rádio e temos vibrado com a alegria destes povos do nosso Mundo.

Vi a desobstrução do muro de Berlim. Uni-me àqueles braços abertos, aos abraços, aos beijos, aos sorrisos, às lágrimas, aos gritos. Um mundo de gente ansiosa, de há muitos anos, por este dia.

Vivi, também, os tempos de há 28 anos quando se construiu aquele muro. Um muro de barreira. Estorvo à liberdade para que Deus criou o ser humano. Dou graças a Deus por este dia.

☆ A abertura de várias fronteiras de países da Europa. A ansiedade de libertação daqueles povos. O desejo natural da destruição de barreiras. Cada um sentir-se pessoa. Cada um determinar-se e ser ele próprio. Não somente fazer parte da grande máquina estadual, mas ser máquina própria, unida a todas as outras a formar a grande força. Tudo parece ainda um sonho! Eu acredito na acção de Deus a iluminar os povos e a dar-lhes força para derrubar barreiras que pareciam irremovíveis. Acredito na conversão dos homens para melhores caminhos. Dou graças a Deus por estes dias.

☆ As eleições na Namíbia. Um povo há tantos anos sujeito a outro. Tantos anos de guerra! Um povo cansado de exploração. Ansioso pela sua liberdade.

Deu bom exemplo a muitos povos que se julgam adiantados. Foi um povo ordenado.

Deus os ilumine e que se deixem iluminar pela luz de Deus e se organizem num povo unido e feliz. Que seus novos governantes queiram governar como quem serve e não queiram somente servir-se. Por tudo isto pedimos e damos graças a Deus.

☆ O povo irmão do Brasil, em eleições. Povo empobrecido por muitos factores. Povo esmagado por muitas grandezas. Povo à procura de quem o governe com capacidade de justiça e amor. Povo, na sua maioria, faminto de pão na terra que tão bem pode saciá-lo.

Para o grande povo do Brasil, povo crente, queremos pedir a Deus o ajude a encontrar e seguir caminhos de mais felicidade.

Padre Horácio

Aqui, Lisboa!

Continuação da página 1

qualquer espécie, a começar por certos programas de televisão; o lavar de roupa suja na praça pública, com a exacerbação dos instintos mais baixos; o uso da calúnia fácil sem qualquer tipo de respeito pela boa fama alheia; o boato tendencioso tornado verdade; a aprovação de leis iníquas ou o fechar de olhos a situações dissolventes como o nudismo e coisas similares, tudo vai contribuindo, à laia de água mole em pedra dura, para o desgaste e aviltamento morais.

Muitos dos aspectos referidos, para além de outros não menos graves, como a corrupção real, são sinais evidentes de que vivemos numa sociedade doente, a caminho do desmoronamento total.

A grande preocupação dos tempos hodiernos é a afirmação pelo ter. Ganhar muito, de qualquer maneira e, se possível, com o menor esforço, constitui o comum das finalidades de muita gente. Tudo se justifica, não raro, pela criação de postos de trabalho e pela entrada de divisas no País, nem que se venda a alma ao diabo...

A história do Povo de Deus foi sempre a de um «resto». Importa, pois, que esse «resto», a começar pelos mais responsáveis, saiba comportar-se à altura das suas responsabilidades: amando os homens todos, mas repudiando todo o mal e, numa linha de autêntica coerência, testemunhar com a sua vida os verdadeiros valores, porque só assim cumprirá o seu dever.

A nossa Capela

● Para as pessoas que nos têm perguntado as dimensões do altar da Capela, elas aí vão: 1 metro de largura por 2,50 metros de comprimento.

Peditórios fraudulentos

● A propósito dos peditórios fraudulentos denunciados nestas colunas, transcrevemos uma passagem de carta, recebida esta semana. Assim: «Já por diversas vezes tenho chamado a atenção dessas mulherzinhas que dizem que andam a pedir para vós, principalmente junto das Amoreiras. Elas, ainda por cima, me têm tratado mal, assim como aos meus filhos, que também as têm atacado. Tenho avisado diversas pessoas para não lhes darem esmolas, às vezes, até mesmo ali, junto delas. Faz pena ver tanta gente a cair na asneira de lhes dar dinheiro. Já cheguei, por diversas vezes, ver dar 500\$00 e notas de 1.000\$00, que é o que mais dão. Essas mulherzinhas chegam ao fim do dia com um bom ordenado. Tudo o que estiver ao meu alcance, faço. O que lamento é as autoridades nada dizerem, sabendo que elas estão a fazer mal».

Padre Luiz

a vossa Obra. Não a percais, secando em vós a seiva que circula. Que os mais velhos façam dela a menina dos seus olhos».

Façamos, pois, da Obra da Rua e da Associação dos Antigos Gaiatos, sua consequência natural, a menina dos nossos olhos!

Em 7 de Janeiro, sê bem-vindo à tua Casa-Mãe!

Carlos Manuel Trindade

NORTE

Levaremos a efeito, no próximo dia 17, uma Festa de Natal dedicada aos filhos e netos dos antigos gaiatos com todo o apoio e a presença do Padre Carlos e do Padre Manuel António.

Para além dos momentos recreativos e culturais é nossa intenção oferecer uma pequena lembrança aos mais pequeninos: brinquedo ou jogo — e, ainda, um pequeno lanche e guloseimas, tudo no intuito de criar um clima e ambiente de amizade para com os amigos que, solidariamente, nunca esquecem a Casa do Gaiato.

Porque esta Associação não dispõe dos meios financeiros que permitam arcar com as despesas que esta Festa acarretará, dirigimos carta a algumas firmas e marcas de amigos dos gaiatos, a solicitar a colaboração para o empreendimento, convictos de que não nos recusarão apoios, através da oferta de alguns brinquedos, bonecas, bolachas, chocolates, rebuçados ou outra qualquer guloseima. Também jogos,

construções e balões serão bem-vindos, porque adequados à Festa de Natal.

As ofertas poderão ser dirigidas à Associação dos Antigos Gaiatos do Norte e entregues no Lar do Porto, Rua D. João IV, 682 — 4000 PORTO, ou ainda a levantar no local a indicar pelos nossos leitores e amigos.

Queremos, também, informar que a Festa será realizada no Lar do Porto e é destinada a meninas ou meninos com as idades compreendidas entre um mês e o limite de 10 anos. Já começámos a receber inscrições, tendo já perto de 100 e muitas outras virão.

O Lar do Porto ficará a rebotar com todos estes nossos pequeninos convidados que, necessariamente, virão acompanhados dos pais ou avós.

Será uma Festa para não esquecer e recordar. Estamos confiantes de que nada vai faltar. Os brinquedos vão aparecer e as guloseimas também. Os nossos leitores e amigos, ao mandarem a oferta, ficarão contentes por poderem contribuir para o brilhantismo da nossa Festa de Natal.

Será esta a primeira vez que reuniremos, em torno da Casa do Gaiato, três gerações: Antigos gaiatos, seus filhos e netos. Padre Carlos e Padre Manuel António ficarão, por certo, muito contentes de verem à sua volta o princípio e a continuação da Família Gaiata, dando assim corpo àquilo que o nosso Pai Américo sempre pugnou: embora em famílias distintas, procurássemos ser uma única família, agrupados em redor da Casa que nos acolheu, educou e criou — a Casa do Gaiato.

Fernando Marques

AGORA

Fiozinho de água...

Desde a última publicação desta coluna, o fiozinho de água não secou. Veio o Verão, quase não demos por ele, mas foi juntando, juntando... e aí temos um saco de notícias de que urge dar contas.

A primeira que me vem à mão é da Missão Católica de Stuttgart: um

cheque de cem contos, «oferta destas comunidades para a Obra da Rua, Obra querida dos nossos emigrantes». Agora, de muito perto, do José e da Isaura, o dobro, «referente à contribuição a que nos comprometemos, conforme minha carta de Fevereiro passado», que a seu tempo foi dada à estampa. Sete mil, de Lisboa: «Era o que o meu marido

tinha no bolso quando morreu. Que Deus me conforme a viver sem ele, o que ainda não consegui».

Outra vez Lisboa com dez mil, de Branca, e a presença certinha de três trabalhadoras da D. I. da Força Aérea Portuguesa. E agora passa Ílhavo com cinco contos; e Aguiar da Beira com um, a ritmo mensal; e Viana do Castelo — dádiva entregue no Seminário Carmelitano — com cinquenta; e Coimbra com doze, «em memória de meus pais»; e o Dr. Fernando, de Gaia, com dez; e os Carvalhos com uma quantia maior para vários fins, da qual couberam quinze aos autoconstrutores.

Volta Lisboa — R. Santos Andrea — de «uma vossa amiga» que esclarece: «O meu nome não é o que vai escrito; apenas arranji um para não haver qualquer problema». Belo! Que a esquerda não saiba o bem que a direita faz! E outros cinco contos, da R. Arantes de Oliveira. E o mesmo, da R. Duarte Lobo, sempre com a recomendação inteligente e caridosa: «Não acusem a recepção. Eu saberei que receberam pelo extracto da conta bancária».

Carta que é uma bênção

E esta carta, com cinquenta contos, que é uma bênção por ser de quem é:

«Deus deu-me agora a possibilidade de vos enviar umas telhas, ainda que poucas. Há muito que tinha este sonho, que a minha pequena pensão não deixava concretizar. Agora consigo este pouco, com uma pena enorme de não poder ser toda uma moradia. Estou muito velha, com 85 anos; não posso ter esperança de fazer muito mais. Leio sempre o vosso e meu jornalzinho com o coração cheio de doçura pela vossa linda Obra tão cheia de alegria e desenganos. Que seja feita a vontade de Deus!, dando-vos a força e a grande fé que é preciso para tão grande peso que se tornou hoje qualquer obra feita com o coração.

Peço o grande favor de não me fazerem nenhum agradecimento. Este desejo é tão antigo que graças dou a Deus de o ter conseguido e nada mais.»

Da Maria Manuela, quarenta mil «para ajudar a acender mais uma estrela no Céu». Duas vezes dez mil, de alguém com quem há muito contactamos por mor das nossas oficinas gráficas. E cinquenta, de um sacerdote a quem a posse de bens queima e, por isso, tanto tem partilhado conosco e certamente não só conosco.

«Uma migalhinha», de cinco contos, de alguém de condição modesta e a afirmação vivida da doutrina certa: «Nada é nosso; por isso temos obrigação de repartir por quem tem menos do que nós». A Rosa Maria, com quatro e «um obrigado pelo muito que fazeis e o arrependimento pelo pouco que faço». Notícias da Foz do Douro, «depois de ter lido um jornal O GAIATO que encontrei, por acaso, num carrinho de um supermercado». Acaso que Deus proporcione e acrescentou a nossa «família de fora» com mais um elemento que se inscreve como leitor habitual do *Famoso*. E outra vez o *Desordeiro* a fazer das suas:

«Impossível ficar tranquilo»

«Impossível ficar tranquilo após a leitura de mais um jornal O GAIATO.

Para acalmar um pouco, segue um cheque cuja importância faz o favor de aplicar na obra que julgar mais necessitada.

Que Deus não deixe nunca de vosabençoar!

De um cristão muito imperfeito.»

Cem mil da Maria Amélia, de Guimarães, e sessenta da Maria da Conceição, da Póvoa de Varzim, que manda mais noventa com outros destinos, tudo na intenção de sufragar pessoas que foram «grandes amigos da vossa Obra».

Vinte e cinco, em cheque emitido de Constância, a acompanhar recorte d'O GAIATO com notícias do Património dos Pobres e esta legenda: «Padre Baptista, não o faço esperar mais. A minha dádiva é anónima».

Pequenas renúncias

Mil, da Covilhã, e «gostaria de salientar que este pequeno valor

teve origem em pequenas renúncias da minha filha de 10 anos, do meu filho, de 14, do meu marido e de mim mesma». Tudo pequenino, a solidificar o valor precioso da comunhão familiar, confirmada pelas intenções que nos são recomendadas e pela promessa de «em breve voltar à nossa companhia, com mais algumas pequenas economias, mas de boa vontade e com espírito de Caridade, vindo no Próximo a pessoa de Jesus Cristo».

«De uma viúva, para a casa de outra viúva», cinco contos. De M+M, «com todo o carinho», quatro vezes mais. Metade, de A. S. Porto, «parte de uns retroactivos que me eram devidos desde 1979».

Da Comissão promotora de uma Missa Nova em S. Cosme (Gondomar), cheque de 77.084\$00 e a sua explicação: «Por vontade expressa pelo Padre José Nuno, o ofertório desta Missa é destinado a essa Casa, pelo que esta Comissão se encarregou de cumprir a referida vontade e fá-lo com todo o gosto».

E fecho, hoje, com este testemunho dirigido ao nosso Júlio, na sequência de outros que, volta e meia, chegam: «Desculpe-me, por favor, mais uma vez, o vir incomodar; mas sou velha, e os velhos quando se sentem compreendidos, batem sempre à mesma porta, e eu cá estou a bater à sua. Envio um vale postal. Gostaria que parte fosse para o Património dos Pobres». E depois de recomendar orações «por um ente querido, sem Fé mas bom!», termina com este desabafo: «Desculpe o tempo que lhe tiro em ter de ler o que o meu coração de mãe, sem filhos de verdade, sofre pelos filhos de coração que tenho e na verdade o são — filhos e netos que Deus me deu para amar e por eles rezar e sofrer».

Quem dera que esta «velha amiga Margarida» estivesse na força da vida! Temos cá tantos filhos à espera de um coração de mãe, capaz de os assumir como filhos de verdade, dados por Deus para os amar e por eles rezar e sofrer!...

Padre Carlos

SETÚBAL

Cont. da página 1

Quem cresceu numa Casa do Gaiato não se adapta à vida em barracas, ainda que oriundo das mesmas. É preciso, portanto, comprar casa, custe o que custar, sofra-se o que sofrer.

— Quanto vais pagar à Caixa Geral de Depósitos?

— Agora, cinquenta e seis contos por mês. A seguir, não sei.

Se não fossem as horas extraordinárias, os sábados, feriados e férias que lhe saem da pele, para ter casa, teria de deixar de comer, de se lavar, de vestir e calçar. Não poderá ter doenças e muitos menos qualquer divertimento.

Não admira que a Caixa Geral de Depósitos chegue ao fim do ano com muitos milhões de lucros!... Não admira que construa, na Capital, a sede mais ampla e luxuosa das bancas europeias, como pr'af dizem!... Não admira. Assim, a sugar o sangue dos Pobres quando as alternativas são reduzidas!...

Durante quase toda a sua vida activa e na sua maior pujança, com a esposa, irão ganhar para a casa. Viver para a casa. Esmagados pela casa.

Como poderá um operário médio alcançar uma habitação?!

Como poderá um operário médio, hoje, na cidade, alcançar uma habitação? Como? — Se trabalharem ambos, tiverem saúde, reduzirem a fecundidade a um filho e tudo correr bem — talvez. Mas só assim.

Quantas famílias portuguesas estão, hoje, a braços com problemas económicos insolúveis por causa da sua casa? Quantas?...

Várias vezes tenho ido depositar «centenas» na conta desta ou daquela família, a quem a doença bateu à porta. E... com que dor!... É que a dívida não amortece. Aumenta!

Um desabafo

Com idade para casar e algumas economias, um outro, dos de dentro, desabafava: — *Olhe que já me tem vindo à cabeça o suicídio! A casa que o ano passado custava quatro mil, hoje, custa cinco mil e, naturalmente, para o ano, seis mil. Com o meu ordenado e as minhas economias não venço a inflação.*

Já me lembrei criar um *Montepio* de onde pudesse tirar, ao menos, metade do preço da habitação de cada um e participar com ele na aventura, a fim de que a vida se lhes tornasse mais leve e pudesse ser mais fecunda.

Já me lembrei!

Padre Acílio



CALVÁRIO

Há valores inexplorados, tantas vezes, no seio da invalidez! O inválido guarda em si imensa riqueza que, uma vez posta em acção, seria um bem para ele e para os mais. Há nele sempre algo que pode operar e render. O invisível, o surdo, o paralisado de qualquer membro, o mutilado em qualquer parte de si mesmo tem sempre um pedaço são que pode ser solicitado a agir, a valorizar-lhe a própria existência. E, se a ciência é posta ao serviço destes, então muito mais se poderá obter! Mas, mesmo que a ciência nada possa contribuir, neste pequeno mundo do Calvário constatamos que todo o homem possui sempre algo que poderá render. Requer paciência. Mas transborda muito em beleza. E o mundo que vale sem beleza? Sem amor? A nossa riqueza está precisamente naquilo que os outros menos prezam.

Padre Baptista

CARTA DUMA JOVEM

«Sou filha dum vosso assinante. Recebo, em minha casa, o 'pequeno grande jornal' desde o ano passado. Como não guardei todos os exemplares não sei ao certo qual a primeira quinzena em o que o recebi.

Pela primeira vez mando dinheiro para a assinatura, por cheque. Espero que esta quantia simbólica ajude a manter 'sempre vivo' o maravilhoso jornal que a vossa instituição publica.

Tenho 17 anos (quase) e vou frequentar o 12.º ano da Escola Secundária. Para o ano seguinte vou tentar entrar na Faculdade de Economia e, por isso, preciso de coragem e força, força e coragem essas que vêm de Deus. Eu quero tanto ser boa filha e, por vezes, não sei o que devo fazer para tal.

Sinto muita pena dos infelizes porque só se pode ter pena de quem não é feliz. No entanto, sei perfeitamente que os Pobres não são os mais infelizes — pois têm Deus como 'grande aliado'.

Sinto muita vontade de ajudar a manter e aumentar a felicidade dos mais necessitados ou de ajudar a encontrar a alegria àqueles que não a têm. Só que não sei o que fazer. Tenho ajudado, por vezes, os meus amigos e auxílio os meus pais e minha irmã. No entanto, é tudo. Pelos Outros só tenho rezado; e não muito, confesso.

Se for possível ajudar-vos com roupas, brinquedos e outras coisas, ou fazendo trabalhos por correspondência, uma vez que não me posso deslocar aí, como é óbvio, peço que me avisem. Quem sabe, pode ajudar a afastar o sentimento de inutilidade ou culpa que me atinge frequentemente?

É com sinceridade que escrevo. Queria muito ajudar, sentir-me mais junto dos Outros.

Assinante 49207»



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 952285
Fotocomp. e imp. offset: Escalas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 500788898

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média, por edição, durante o mês de Novembro: 72.715 exemplares